

# Do léxico à sintaxe: tópicos sobre a evolução da noção de aspecto

Liliane Prestes-Rodrigues  
Universidade Católica de Pelotas

***Resumo:** O aspecto é um fenômeno complexo que se manifesta através de diversos recursos linguísticos: morfema lexical e flexões do verbo, perífrases verbais e alguns advérbios. Todos esses elementos podem interagir para o surgimento de determinada configuração aspectual. Os estudos sobre esse tema, entretanto, vêm evoluindo e mostrando que o aspecto está presente tanto no verbo quanto na predicação e até mesmo no âmbito do discurso. O objetivo deste artigo é apresentar uma visão panorâmica da evolução do conceito, a partir de diferentes visões teóricas, considerando tanto a fase léxico-semântica e a fase sintático-semântica, o que revela a dinamicidade da interação dos elementos linguísticos mencionados.*

***Palavras-chave:** Aspecto. Tempo. Predicação. Semântica.*

## **Introdução: o fenômeno *tempo* e sua expressão linguística**

As ideias mais básicas acerca do fenômeno *tempo*, no pensamento ocidental, remontam às discussões sobre verbo entre pensadores gregos. No âmbito da filosofia, é da tradição greco-romana que herdamos formulações que se refletem na nossa atual compreensão e categorização do fenômeno *tempo* relacionada ao verbo (VENDLER, 1967; LYONS, 1977; BINNICK, 1991; VERKUYL, 1993).

Platão define o verbo como palavra que denota ação. Já os estoicos entendem que o fenômeno *tempo* compreende “os três tempos” – passado, presente e futuro – visão herdada integralmente pela tradição gramatical do ocidente, amplamente difundida, e considerada fundamental para o entendimento acerca da maneira como o homem concebe o *tempo*. O gramático romano Varrão estabeleceu a distinção entre processo concluído (*perfectum*) e processo não concluído (*infectum*), demonstrando o entendimento de que esse fenômeno é ainda mais complexo do que os gregos afirmavam (LYONS, 1977).

Alcançando tempos mais modernos, já no âmbito da Linguística do século XX, pode-se afirmar que as percepções que o ser humano tem da existência e do transcorrer do *tempo* expressam-se através de duas “facetas”, relacionadas, porém independentes, basicamente: o tempo verbal e o aspecto (VENDLER, 1967; COMRIE, 1976; LYONS, 1977).

O tempo verbal é a faceta dêitica da expressão linguística do fenômeno, que relaciona o conteúdo enunciado ao momento da enunciação, seja falado ou escrito. Assim, toda vez que nos referimos a um acontecimento anterior, concomitante ou posterior ao momento da enunciação, estamos nos referindo a essa faceta dêitica através do uso dos tempos verbais, ocasionalmente em associação com alguns advérbios (ex.: *hoje, ontem, amanhã*). Segundo Comrie (1976, p. 9), o tempo verbal é a “expressão gramaticalizada da localização no tempo”<sup>1</sup> em relação a um contexto criado e sustentado no próprio ato ilocucionário, sendo, pois, externo à situação propriamente dita (COMRIE, 1976).

Contudo, conforme já referido, o fenômeno *tempo* não se expressa unicamente através dessa vinculação, mas também pela estrutura temporal interna da situação descrita (COMRIE, 1976). Essa é a faceta não dêitica da noção temporal, designada aspecto. Termo menos usado e menos conhecido do que o tempo verbal, o aspecto também suscitou interesse desde nossa origem greco-romana. Aristóteles e os filósofos alexandrinos relacionavam a ideia de *tempo* com a noção aspectual de completude/incompletude. Varrão, conforme já referido, cunhou os termos *perfectum* e *infectum*, posteriormente traduzidos como “perfeito” e “imperfeito”.

O uso da palavra *aspecto* para denominar a noção tem sua origem em um empréstimo linguístico do eslavo *vid*, etimologicamente cognato à palavra *visão*, enquanto a raiz

---

<sup>1</sup> A ideia de localização dos eventos no tempo, segundo Ilari e Basso (2008), não se dá unicamente pelos chamados “tempos verbais”, mas pela combinação de formas verbais com diferentes tipos de modificadores e operadores, o que implica afirmar que a interpretação da referência temporal decorre de informações contidas em diferentes pontos do predicado.

etimológica de aspecto é *spect-*, que significa *ver* (comum aos vocábulos *espectador* e *espetáculo*, por exemplo) (BINNICK; 1991). Segundo Cunha (1998, p. 75), originalmente tem como significado “aparência exterior, lado, face, ângulo (...). Do latim *aspectus*, ato de olhar”.<sup>2</sup> A ideia é a de que, primeiramente e independentemente da relação com o momento da enunciação, toda situação possui uma constituição própria no que se refere ao tempo. É nesse sentido que se podem identificar diferenças, por exemplo, entre *saber* (um estado) e *aprender* (um processo). Além disso, para uma mesma situação (estado ou processo), o enunciador pode assumir um ponto de vista determinado, resultando em um “olhar” que expresse (in)completude, progressividade, repetição, habitualidade, momentaneidade, e/ou outras noções não dêiticas de temporalidade.

Estão presentes, portanto, um critério objetivo e outro subjetivo em relação ao tempo da eventualidade<sup>3</sup> considerado em si e por si mesmo. Por um lado, considera-se a relação objetiva entre o processo ou estado expresso pelo verbo e a ideia de duração e desenvolvimento (CASTILHO, 1968, p. 41); por outro, de acordo com Comrie (1976, p. 3), “aspectos são diferentes maneiras de ver a constituição interna de uma situação”, traduzindo a subjetividade do enunciador. Ao contrário do tempo verbal, o aspecto centra-se unicamente na situação descrita, independentemente de sua relação com o momento da enunciação, o que implica afirmar o caráter autônomo do aspecto, pois dispensa informações extrínsecas.

De acordo com Travaglia (1981, p. 302), no português a expressão do aspecto dá-se através dos seguintes elementos: “a flexão verbal, as perífrases, o semantema do verbo, a ênfase entonacional, as preposições e o complemento do verbo”. Diferentemente do tempo verbal, o aspecto faz parte da

---

<sup>2</sup> MACHADO (1952, p. 331) define aspecto como originário do Latim *aspectu-*, “ato de olhar, o sentido da vista, a faculdade de ver; vista, olhares, campo de visão; o facto de ser visto, aspecto”.

<sup>3</sup> O termo *eventualidade* será usado neste texto como sinônimo de situação, denotando qualquer tipo de processo verbal, seja ele um estado ou processo propriamente dito. Originalmente, o termo foi cunhado por Bache (1982), que subdividiu seu conteúdo nas categorias de estados, processos e eventos.

ontogênese da situação, visto que todo evento tem uma configuração interna que está sujeita ao olhar do enunciador. Nesse sentido, é uma categoria anterior ao tempo verbal, pois caracteriza a situação independentemente da relação que o falante estabelece com o momento da enunciação. Assim, a situação *espirrar* é pontual, independentemente de ter sido fixada no passado, no presente ou no futuro.

Apesar de o aspecto ter sido alvo de interesse de filósofos e estudiosos da linguagem desde a antiguidade clássica, somente com o advento da Linguística Moderna esse interesse sistematizou-se, passando a integrar os postulados de diferentes teorias linguísticas e programas de investigação. A perspectiva que o presente artigo se propõe a expor é a da evolução do conceito, articulando as colaborações de diferentes autores. Assim, o objetivo é proporcionar uma visão panorâmica que compreenda as formulações da fase léxico-semântica e da fase semântico-sintática, a partir da classificação de Castilho (2003), conforme se apresenta a seguir.

### **A evolução do conceito de aspecto: da fase léxico-semântica à fase sintático-semântica**

Atualmente, entende-se que o aspecto é um fenômeno complexo a ponto de expressar-se mediante diferentes tipos de recursos linguísticos. Entretanto, a compreensão de sua abrangência deu-se através da evolução do conceito, que pode ser apresentada, como fez Castilho (2003, p. 84), considerando-se as seguintes fases:

- (1) uma “fase léxico-semântica”, durante a qual foram identificadas as classes semântico-aspectuais do verbo, ou *Aktionsarten*. Esta perspectiva atribui à semântica do radical verbal as noções aspectuais apuradas (...);
- (2) uma “fase semântico-sintática”, ou “composicional”, durante a qual se examina o aspecto como resultante da combinação da *Aktionsart* do verbo com a) a flexão e os verbos auxiliares; b) os argumentos do verbo e os adjuntos, adverbiais, aqui incluídas as sentenças condicional-

temporais. Nesta perspectiva, o aspecto passa a ser encarado mais claramente como uma propriedade da predicação;  
(3) uma “fase discursiva”, em que se investigam as condições discursivas que favorecem a emergência dos aspectos assim constituídos (...) (CASTILHO, 2003, p. 84).

O falante, portanto, dispõe de recursos diversos para a codificação da informação aspectual. A percepção desses recursos como pertencendo à noção de aspecto foi evoluindo com o passar do tempo, mediante contribuições de muitos estudiosos e debates entre escolas de pensadores. A apresentação de autores que ora se propõe procura, tanto quanto possível, pautar-se pela ideia de que a evolução da aspectologia dá-se do “âmbito do verbo ao discurso”. Cabe enfatizar que a intenção, através deste artigo, não é fazer uma abordagem exaustiva do fenômeno, dada a complexidade das abordagens, conforme será possível constatar, mas fornecer uma visão geral a respeito de como se desenvolveram as reflexões sobre o fenômeno nas fases léxico-semântica e sintático-semântica.

A primeira fase enunciada por Castilho (2003) caracteriza-se pela identificação de classes semântico-aspectuais do verbo, ou seja, pelo entendimento de que determinados atributos semânticos estabelecem categorias capazes de classificar os verbos. É a noção denominada *AKTIONSART*, termo alemão traduzível como “modo de ser da ação” e que, para muitos teóricos<sup>4</sup>, equivale ao aspecto lexical. Para Verkuyl (1993, p. 43), esse conceito remonta à metafísica de Aristóteles, quando o filósofo refere-se à *enérgeia* (movimento incompleto, processo) e à *Kíne:sis* (movimento completo), designando dois tipos de eventualidades evidenciadas no ambiente natural.

Muitos autores, porém, postulam a separação entre as noções de aspecto e *AKTIONSART*. Segundo Bache (1982), pode-se entender o aspecto em termos de oposição perfectividade/imperfectividade, enquanto que *AKTIONSART* é

---

<sup>4</sup> A relação entre os conceitos de aspecto e de *AKTIONSART* foi alvo de debates entre teóricos das tradições eslava e alemã. Para maiores aprofundamentos, ver Binnick (1991) e Mlynarczyk (2004).

uma categoria mais complexa, consistindo em um conjunto de oposições inter-relacionadas representando contrastes de “tipos de situações” expressas pelo verbo (+/- complexo, +/- pontual, +/- télico, +/- dirigida). Nessa perspectiva, *AKTIONSART* seria a qualidade lexical objetiva concernente ao verbo em si; enquanto o aspecto marcaria o ponto de vista subjetivo do falante, portanto, externo à própria situação.<sup>5</sup> Bertinetto (2001) considera ponto fulcral o estabelecimento de fronteiras entre essas duas instâncias, o que permitiria uma compreensão mais clara da interação entre ambas para a emergência de determinada interpretação aspectual. Nesse mesmo caminho, Verkuyl (1999), entre outros autores, propõe aspecto lexical, que coincidiria com a *AKTIONSART*, e aspecto gramatical, uma propriedade de caráter morfológico e/ou sintático que pode ser “manipulada” pelo falante.

Por ser mais complexa, portanto, a noção de *AKTIONSART* implicaria um conjunto de distinções que caracterizariam a estrutura interna da circunstância descrita pelo verbo, considerando propriedades semânticas relevantes. Os linguistas têm tentado captar essas distinções, estabelecendo classes verbais. Por ser o tema em estudo muito amplo e, portanto, apoiado em vasta bibliografia, serão apresentados alguns os estudos de linguistas mais relevantes.

Vendler (1967, p. 97), retomando Aristóteles, afirma que considerações relevantes sobre o conceito de tempo extrapolam a discriminação já conhecida entre passado, presente e futuro, visto que há uma peculiaridade no conceito: “o uso de um verbo pode revelar também o modo particular em que o verbo pressupõe e envolve a noção de tempo”. O autor baseia-se na ideia de que cada verbo implica uma noção específica de tempo que pressupõe um esquema temporal também próprio.

O autor fixa uma classificação baseada em quatro classes de verbos, apresentando quatro exemplos que demonstram seu esquema de tempo:

---

<sup>5</sup> Também no estabelecimento da distinção entre aspecto e *AKTIONSART*, as escolas eslava e alemã divergiram, dando ênfase a diferentes critérios: morfológico e semântico, respectivamente (MLYNARCZYK, 2004).

Para ATIVIDADES: *A estava correndo no tempo T* significa que aquele instante de tempo T está em um período de tempo ao longo do qual A estava correndo;

Para PROCESSOS CULMINADOS: *A estava desenhando um círculo no tempo T* significa que T está no trecho de tempo em que A desenhou aquele círculo;

Para CULMINAÇÕES (ou REALIZAÇÕES): *A venceu uma corrida entre T1 e T2* significa que o instante de tempo em que A venceu a corrida está entre T1 e T2;

Para ESTADOS: *A amou alguém de T1 a T2* significa que a qualquer instante entre T1 e T2 A amou aquela pessoa<sup>6</sup> (VENDLER, 1967, p. 106).

Os verbos denotando atividades (*activities*) caracterizam-se pela homogeneidade, denotando processos que se desenrolam no tempo sem ocorrer uma progressão para um ponto final. Por isso, quando se pensa na eventualidade *brincar* (tal como o exemplo de Vendler), pode-se afirmar que, se *José estava brincando no tempo T*, significa que em qualquer momento daquele período é verdadeiro afirmar que ele estava brincando. Mesmo que essa ação seja interrompida, não é descaracterizada como tal, visto que basta brincar por um instante para que a ação de brincar esteja efetivada. Não é necessário, para a configuração da ação da forma como está sendo descrita, um clímax, constatação que implica a noção de telicidade, que será apresentada mais adiante.

Os verbos do tipo *processo culminado* (*accomplishments*) compartilham com as atividades a característica de serem durativos, pois também se desenvolvem no tempo. No entanto, o que os diferencia é o fato de que processos culminados progredem em direção a um ponto final, considerado sua culminação. Pode-se afirmar que *desenhar um círculo* (exemplo

---

<sup>6</sup> For activities: *A was running at time t* means that time instant *t* is on a time stretch throughout which *A* was running. For accomplishment: *A was drawing a circle at the time t* means that *t* is on the time stretch in which *A* drew that circle. For achievements: *A won a race between t1 and t2* means that the time instant at which *A* won that race is between *t1* and *t2*. For states: *A loved somebody from t1 to t2* means that at any instant between *t1* and *t2* *A* loved somebody.

de Vendler) ou *montar uma estante* é um processo culminado, pois dizer que *José estava desenhando um círculo no tempo T* significa que T está no intervalo de tempo em que José desenhou um círculo. Observe-se que os exemplos constituem ações não homogêneas, pois cada momento no intervalo de tempo em que a ação perdura é diferente dos demais e de que cada parte da eventualidade não corresponde ao todo. Em outras palavras, atingir o ponto terminal é condição para que a ação descrita pelo verbo se configure como tal.

Classificam-se como culminações ou realizações (*achievements*) as eventualidades caracterizadas por não possuírem tempo contínuo, ocorrendo instantaneamente e implicando a passagem repentina de um estado a outro, portanto, sem duração interna. *Atingir o topo de uma colina* (exemplo de Vendler) ou *espirrar* são situações que ocorrem por um átimo. Nesse sentido, pode-se afirmar que, se *José atingiu o topo da colina* entre T1 e T2, significa que o instante de tempo em que ele o fez está entre T1 e T2.

Segundo Bertinetto (2001), essas seriam as classes não estativas, definidas como dinâmicas, pois implicam mudança de estado, sejam elas durativas ou não. Para além das situações dinâmicas, encontram-se, portanto, as estativas. Vendler (1967) apresenta os estados (*states*) como eventualidades que se mantêm inalteradas, homogêneas por determinado intervalo de tempo, por isso a ideia de que não se desenvolvem no tempo. Assim, *amar* (exemplo do autor) e *saber* são estados, pois dizer que *José ama Marieta* de T1 a T2 significa que a qualquer instante entre esses dois pontos ele amou-a. O autor postula esse status também para todas as qualidades, tais como *ser casado* ou *ser amarelo*. Da mesma forma, considera hábitos como estativos, pois quando se afirma que *José fuma* ou que *José governa o estado* não se afirma que ele esteja fumando ou que governe o estado em um dado momento no passado, presente ou futuro, mas que fumar ou governar o estado, em cada caso, faz parte de seus atributos. A essas subcategorias, Vendler dá os nomes de estados específicos (*specific states*) e estados genéricos (*generic states*), respectivamente.

O autor afirma que grande parte dos verbos, ou pelo menos seu uso dominante, enquadra-se dentro de uma dessas categorias. Cabe destacar que Vendler (1967) reconhece a existência de verbos em que é difícil estabelecer a categoria à qual originalmente pertencem, tais como *pensar*, *compreender*, *ver* e *ouvir*. Ele reconhece que *pensar* pode ser tanto um processo (*José está pensando em Marieta.*) quanto um estado (*José pensa que Marieta é linda.*). Assim, *pensar em* seria uma atividade que pode perdurar no tempo inclusive deliberadamente (*José pensou em Marieta a noite inteira.*), enquanto que *pensar* não significa que ele esteja, necessariamente, pensando durante qualquer período de tempo.<sup>7</sup>

Já Noreen (1912, *apud* BINNICK, 1991)<sup>8</sup> estabelece que algumas situações são marcadas por uma maneira específica de ocorrer, que envolve a ideia de fases ou estágios. Para o autor, a *Aktionsarten* subdivide-se, primeiramente, em *uniform* e *intermittent*. A primeira subdivisão refere-se a eventualidades cujo curso é homogêneo e, por isso, não compartimentável em unidades distintas; a segunda refere-se a eventualidades que não são tomadas homogeneamente e que, em consequência, podem ser “quebradas”. O uniforme divide-se em *momentâneo* e *durativo*. No primeiro caso, a ação é vista como restrita a um só momento, e no segundo caso, a ação é vista como representando uma duração independentemente da fixação de um período para sua ocorrência. Assim, eventualidades momentâneas não têm extensão temporal, enquanto as durativas têm.

A categoria de situações durativas divide-se em *virtual* e *agencial*. A primeira subdivide-se em *inchoativo* (*inchoative*), uma ação considerada em seu início; *decessive*, uma ação considerada em sua fase final; e *perdurative*, uma ação considerada em sua duração. A situação durativa classificada como *agencial* relaciona-se aos estados consequentes.

A categoria intermitente relaciona-se a ações não contínuas: o frequentativo diz respeito à repetição irregular de

---

<sup>7</sup> Binnick (1991) afirma que a essência da classificação de Vendler já estava presente em Ryle (1949, *apud* BINNICK, 1991).

<sup>8</sup> *Apud* Binnick (1991).

uma ação; o iterativo considera a repetição em sua regularidade e o intensivo considera uma duração repetida (ex.: *ela dormiu e dormiu*). A noção de repetição parece trazer à tona a existência de “subeventos” que compõem o evento que está sendo descrito na predicação. Mais especificamente, está implícita na ideia de reiteração a existência de momentos de ocorrência de um evento e estágios em que o dito evento não ocorre.

Leech (1971), por sua vez, desenvolve uma abordagem do verbo no inglês ancorada na noção de aspecto e na relação desta com os usos dos tempos verbais. Relaciona, por exemplo, o uso irrestrito do Presente Simples da língua inglesa à expressão de estado (*Roma fica à margem do Rio Tevere.*), enquanto o uso instantâneo liga-se à expressão dos eventos (*Eu adiciono uma gota de baunilha à receita.*). Destaca a possibilidade de um sentido habitual ou iterativo para esse tempo verbal em verbos que expressam eventos: o primeiro representando uma série de eventos que forma um todo, passando a ser apreendida como um estado (*Ele caminha até seu escritório.*). Assim, a repetição expressa pelo presente conota um hábito. Além dessa relação entre tempo verbal e aspecto, o autor destaca ainda a possibilidade de expressões adverbiais reforçarem a noção de repetição (*Geralmente compro camisas na Loja X.*). Ele também desenvolve abordagens para os usos relacionados ao progressivo e à expressão do tempo futuro. Constata-se, então, que em Leech, o aspecto é visto como atributo da predicação, que resulta da interação de elementos de diferentes ordens. Passa-se, portanto, à ordem sintático-semântica.

Comrie (1976) retoma a discussão entre estudiosos do russo e de outras línguas eslavas para defender que tempo verbal e aspecto se diferenciam pelo fato de o primeiro ser externo à situação, enquanto que o segundo é interno. O autor postula que o aspecto relaciona-se a “diferentes formas de se olhar para a constituição temporal interna de uma situação” (p. 3). Note-se que essa afirmação implica já a noção de perspectiva, extrapolando a *Aktionsart*, no sentido de que o falante pode “ver” de diferentes maneiras essa constituição interna. Essa constatação conduz à ideia de que o aspecto desmembra-se em categorias: o

aspecto lexical e o aspecto gramatical, considerados independentes, mas relacionados para a constituição do quadro geral da expressão das eventualidades.

O aspecto lexical é independente de qualquer elemento morfológico de natureza gramatical, pois é expresso pela raiz verbal e denota a situação em si. Assim, pode-se considerar uma eventualidade como pontual (*morrer*) ou durativa (*cantar*), por exemplo, a partir de seus atributos intrínsecos. Já o aspecto gramatical manifesta-se através de elementos linguísticos aos quais tradicionalmente se atribui função gramatical, tais como morfemas derivacionais (*refazer*), morfemas flexionais (*jogava*) e certos auxiliares (*começou a limpar*). Nesse sentido, o uso pelo falante de elementos desse tipo evoca seu ponto de vista sobre a eventualidade. Observem-se os exemplos:

- (15) Mafalda está pintando seu quarto.  
aspecto gramatical: imperfeito  
aspecto lexical: verbo de processo culminado

Portanto, o aspecto gramatical vem para acrescentar informações ao aspecto lexical, o que implica perceber que a noção de tempo *latu sensu* se expressa por três formas identificáveis: pelo aspecto lexical, inerente ao verbo; pelo aspecto gramatical (perceptível por morfemas derivacionais e flexionais, por auxiliares e alguns advérbios) e pela relação estabelecida com o momento da enunciação (tempo verbal – passado, presente e futuro).

O autor postula as classes básicas para a categorização de estados e eventos. São elas: estático/ dinâmico; télico/ atélico e durativo/ instantâneo. Para a primeira dicotomia, afirma que situações estáticas consistem em um período único e homogêneo, enquanto as situações dinâmicas “estão continuamente sujeitas a um input de energia” (COMRIE, 1976, p. 49)<sup>9</sup>, consistindo em estágios sucessivos e com características próprias em diferentes momentos. Para a segunda dicotomia, afirma que eventos télicos apresentam uma mudança de estado que é um resultado ou

---

<sup>9</sup> (...) continuously subject to a new input of energy”.

objetivo do evento; enquanto eventos atélicos podem ser interrompidos em qualquer momento sem prejuízo de sua efetividade, pois seu ponto final é arbitrário. Em relação à terceira dicotomia, afirma que situações durativas estendem-se no tempo, enquanto situações instantâneas dão-se num átimo.

Comrie ainda apresenta, discute e exemplifica distinções semânticas que baseiam a diferenciação das categorias aspectuais básicas. Assim, distingue primeiramente as eventualidades e estados de situações dinâmicas. O primeiro caracteriza-se pela não-dinamicidade, pela homogeneidade e uniformidade, não havendo possibilidade da existência de fases que o constituam. É, por consequência, durativo e atélico. Os estados, por sua vez, subdividem-se em dois grupos: aqueles que manifestam situações inalteráveis sobre o sujeito (por exemplo, *a terra gira em torno do sol*) e situações alteráveis (por exemplo, *conhecer Veneza, ser adolescente*). Neste último caso, destaca-se que o início e o fim desses estados caracterizam-se como situações dinâmicas, haja vista a mudança de estado (passar a conhecer Veneza, deixar de ser adolescente).

As situações dinâmicas envolvem mudança em determinado estado de coisas, demandando certo esforço do agente. Tais situações serão pontuais ou durativas (COMRIE, 1976). As situações dinâmicas pontuais, por definição, não duram no tempo, não têm estrutura interna. Pode-se pensar, por exemplo, em *espirrar*. Neste ponto, o autor introduz a noção de verbos semalfactivos, aqueles que denotam eventualidade que ocorre uma só vez (Manoel *espirrou*). São eventualidades desse tipo que permitem o surgimento do aspecto iterativo, que implica a repetição da situação (Manoel estava espirrando). As situações durativas, ao contrário, pressupõem um decurso de tempo e, consequentemente, uma estrutura interna. A partir da conjugação dos critérios dinamicidade, duração, telicidade e homogeneidade, seria possível caracterizar as eventualidade estativas e dinâmicas.

Conforme já referido, os estados são não dinâmicos, durativos, atélicos e homogêneos. Em relação às situações dinâmicas, Comrie retoma as categorias de Vendler (1967) para afirmar que a atividade, enquanto situação dinâmica, caracteriza-

se pela dinamicidade, duração, atelicidade e homogeneidade. Os processos culminados são dinâmicos, durativos, télicos, e heterogêneos. Já as culminações ou realizações são dinâmicas, pontuais, télicas e heterogêneas. Por fim, os atos (pontos) são dinâmicos, instantâneos, télicos e sem estado consequente.

Constata-se que em Comrie, o entendimento do fenômeno aspecto extrapola os limites do verbo em si, pois se relaciona com os demais elementos envolvidos tanto no nível da palavra, da perífrase e da predicação como um todo.

Dowty (1979) retoma os critérios de Vendler (1967), incorporando as classes aspectuais em sua gramática ao propor uma análise reducionista (VERKUYL, 1993, p. 52): atividades, processos culminados e culminações/realizações “são construídos a partir de um ou mais predicados estativos e operadores como *tornar-se* e *causar*”<sup>10</sup>.

O autor apresenta uma série de testes que visam à fixação da classe aspectual a que pertencem os diversos predicados. A título de exemplo, cita-se a distinção entre estativos e não-estativos. Para ele, somente os predicados não-estativos: (a) podem ocorrer no progressivo; (b) podem ocorrer como complemento de verbos como *force* (forçar) e *persuade* (persuadir); (c) ocorrem como imperativos; (d) ocorrem com advérbios agentivos do tipo de *deliberadamente*, por exemplo, e (e) podem ocorrer em construções pseudoclivadas do tipo “*O que X fez foi...*”. Em contrapartida, verifica-se que com os estativos: (a) o Presente do Indicativo tem valor temporal de presente “real”, ou seja, de algo que efetivamente ocorre em concomitância ao momento da enunciação.

A categorização de Mourelatos (1981, *apud* VERKUYL, 1993)<sup>11</sup> em muito se assemelha à de Vendler (1967). Fundamentalmente, ele toma uma constituição tripartida do fenômeno aspectual: estados, processos e eventos são as categorias. Essa tipologia é apresentada a partir de traços binários

---

<sup>10</sup> He proposed a “reductionist analysis”: Activity verbs, Accomplishment verbs and Achievement verbs are constructed out of one or more Stative predicates and operators like *BECOME* and *CAUSE*.

<sup>11</sup> *Apud* Verkuyl (1993, p. 51).

que, combinados, distinguem as classes aspectuais. A seguir, apresenta-se tabela contendo a matriz de traços de Mourelatos (1981), apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 – Matriz de traços de Mourelatos (1981) para classes aspectuais

	Ocurr (process)	Count (definite)	Punctual (momentary)
States	-	zero	zero
Activities	+	-	zero
Accomplishments	+	+	-
Achievements	+	+	+

Essa é uma visão baseada em traços. Através dessa teoria, constata-se que um mesmo predicado pode relacionar-se a classes aspectuais diversas em função de determinadas características sintáticas e semânticas envolvidas. Observe-se, exemplificativamente, o verbo *pintar*:

- (16) a. *Inês pinta quadros lindos.* (hábito)  
 b. *Inês pintou a casa.* (processo culminado)  
 c. *Inês pintou a tarde inteira.* (processo)  
 d. *Inês parou de pintar às 15 h.* (ponto)

Os demais elementos que compõem a predicação interagem com o verbo, resultando, em cada caso, em uma categoria da classificação aspectual. Nesse sentido, Cunha (1998) postula que certos verbos caracterizam-se, no que se refere ao aspecto, por essa mobilidade. Segundo ele (p. 14),

são as predicções, enquanto expressões complexas, e não os predicados, enquanto itens lexicais, que podem ser classificadas. A ideia de que é todo o complexo linguístico compreendido na noção de predicação que é o responsável pela inclusão numa ou noutra categoria aspectual, não só permite explicar a multivalência de alguns verbos, como também possibilita dar conta dos factores semânticos e sintáticos que intervêm na determinação aspectual (CUNHA, 1998, p. 14).

Para Mourelatos (1981), os fatores que interfeririam nesse processo são:

- (a) as informações lexicais do próprio verbo;
- (b) a natureza de determinados argumentos;
- (c) a presença de certas expressões adverbiais (de tempo);
- (d) o próprio aspecto (relação com perfectivo/ imperfectivo);
- (e) a relação com o tempo gramatical.

Nota-se, neste ponto, que a abordagem de Mourelatos já corresponde à segunda fase, na qual o aspecto tem caráter semântico-sintático ou composicional, relacionando-se com outros elementos presentes na predicação.

Além de Mourelatos (1981), Verkuyl (1993) apresenta outras visões baseadas em traços, tais como as de Dowty (1979), Hoeksema (1984, *apud* VERKUYL, 1993) e Carlson (1981, *apud* VERKUYL, 1993). Todas elas apresentam algumas variações entre si e são, inclusive, sumarizadas em um quadro Verkuyl (1993, p. 65), que é adaptado no Quadro 2.

Quadro 2 – Classificações aspectuais baseadas em traços, segundo Verkuyl (1993, p. 65)

Vendler	Hoeksema	Mourelatos	Dowty	Carlson
+/- processo	+/- duração	+/- ocorrer	+/- mudança	+/- estender
+/- definido	+/- contar	+/- contar	+/- definido	+/- contínuo
+/- momentâneo		+/- momentâneo	+/- complexo	+/- ponto

Entretanto, as objeções que se pode fazer a essas formulações são as mesma que se tem feito a todas as abordagens baseadas em traços: são formulações criadas a partir de exemplos isolados, descontextualizados, carecendo de uma intenção comunicativa, além de os próprios parâmetros serem constituídos via processo de introspecção pelo linguista. Esse fator tende a simplificar, a reduzir o volume de problemas com os quais os linguistas têm de lidar, pois nuances se perdem.

Merece destaque, ainda, a posição de Verkuyl (1993, p. 268), no sentido de que o aspecto deve ser compreendido em termos de perspectiva, “no sentido de que os índices

desempenham papel crucial na determinação do aspecto sentencial, em que o índice é o termo neutro para entidades semânticas que são feitas dependentes”<sup>12</sup>. O autor questiona se o aspecto seria uma maneira de organizar a realidade através do uso da linguagem e se a linguagem forneceria pistas sobre a quais categorias se quer fazer referência.

Smith (1991) desenvolve uma abordagem de caráter gerativista, baseada em parâmetros. Segundo ela, o aspecto é resultante das faculdades cognitivas e perceptuais humanas, portanto, gerais. É um subsistema dotado de organização própria, composto por dois componentes básicos: o tipo de situação (evento ou estado) e o ponto de vista (perfectivo, imperfectivo e neutro), ambos disponíveis na sentença. O fenômeno é concebido, então, como um domínio semântico marcado pela composicionalidade, e os princípios inerentes ao domínio do aspecto na Gramática Universal baseiam-se na estrutura interna do evento/estado, postulando um pequeno número de tipos de situação e pontos de vista, conforme se observa no Quadro 3 (a seguir).

Segundo a autora, as propriedades que compõem o subsistema<sup>13</sup> aspectual têm sua marcação variando entre línguas, o que implica afirmar que os falantes, para expressarem tipos de situações e pontos de vista, têm suas escolhas limitadas à configuração desse parâmetro. Deve-se considerar, também, que “o verbo é o centro aspectual de uma sentença”<sup>14</sup>, contendo traços intrínsecos (SMITH, 1991, p. 54).

Os pontos de vista, segundo a autora, servem para direcionar o destinatário em termos de qual objeto o falante pretende deixar mais visível. Isso implica afirmar que os pontos de vista têm um atributo semântico-pragmático relevante na medida em que consistem em convenções das línguas

---

<sup>12</sup> in the sense that indices are playing a crucial role in determining sentential aspect, where index is the neutral term for semantic entities on which are made dependent.

<sup>13</sup> A palavra subsistema é utilizada no sentido de que faz parte da Gramática Universal e que tem categorias que geralmente ocorrem nas línguas do mundo.

<sup>14</sup> The verb is the aspectual center of a sentence.

particulares que permitem interferir no significado aspectual primário via interação com “valores contrastivos, contexto e ênfase retórica” (SMITH, 1991, p. 61). É, portanto, diferente e independente da situação em si, ainda que toda sentença tenha um ponto de vista.

Quadro 3 – Tipos de situações e pontos de vista segundo Smith (1991, p. 03)

Tipos de situação	Pontos de vista
Estado: estático, durativo	Ponto de vista perfectivo: foco na situação como um todo, incluindo os pontos inicial e final
Atividade: dinâmico, durativo, atélico	Ponto de vista imperfectivo: foco em parte da situação, incluindo nem o ponto inicial nem o ponto final
Processo culminado: dinâmico, durativo, atélico, consistindo em um processo em <i>outcome</i>	Ponto de vista neutro: flexível, incluindo ponto final de uma situação e pelo menos um estágio interno (quando aplicável)
Semalfactivo: dinâmico, atélico, instantâneo	
Culminação ou realização: dinâmico, atélico, instantâneo	

Neste ponto, já tendo discorrido sobre os estudos de alguns autores que extrapolam a visão inicial de que o aspecto é um atributo precipuamente do verbo para uma visão sintático-semântica, considera-se pertinente lembrar a definição de aspecto fornecida por Binnick (1991), como denotando fases ou sequências de fases, que podem ser reiteradas para constituir subfases ou sequências de subfases. Na elaboração de um significado aspectual, é possível, portanto, acrescentar modificadores, adicionando nuances de significado, conforme se observa nos exemplos em (17).

- (17) Ela cantou.  
 Ela continuou a cantar.  
 Ela cessou de continuar a cantar.  
 Ela começou a cessar de continuar a cantar.

Ela retomou começando a deixar de continuar a cantar.

Ela estava prestes a continuar a cantar.

Ela estava continuando a cantar.

Ela estava prestes a continuar a cantar.

Ela tinha vindo a cantar.

Então, um verbo pode expressar uma situação como um todo ou uma fase dela. Para o autor (BINNICK, 1991, p. 208), as noções de *Aktionsart* e de aspecto vêm sendo tratadas na tradição dos estudos linguísticos de maneira muito aberta. Apesar de diferenças constatáveis nas abordagens, parece haver concordância no sentido de que as “oposições aspectuais têm a ver com a natureza dos objetos temporais (situações, eventos, episódios, etc.), sem considerações dêiticas, sem referência ao momento do ato de fala”<sup>15</sup>, o que implica certa confusão no emprego de definições, crítica que endereça a autores como Bybee (1985) e Lyons (1977).

Uma via alternativa em relação às teorias baseadas em traços, em condições de verdade em relação ao mundo, bem como às formulações que não se utilizam das noções aspectuais com precisão é o emprego da noção de evento. Binnick (1991, p. 320) afirma que a noção intuitiva de evento já é esclarecedora: “algo que ocorre em certo lugar durante um intervalo particular de tempo”<sup>16</sup>. Um evento pressupõe mudança em um intervalo de tempo, progredindo de um ponto inicial a um ponto final. Nessa concepção, mesmo os estados podem ser vistos como eventos. O exemplo dado pelo autor é o caso de alguém estar doente. Esse estado é delimitado por uma situação anterior e por outra posterior de boa saúde, limitando o estado e destacando o caráter temporal do evento.

---

<sup>15</sup> (...) aspectual oppositions have to do with the nature of temporal objects (situations, events, episodes, etc.), without deictic considerations, without reference to the speech-act time.

<sup>16</sup> (...) something that occurs in a certain place during a particular interval of time.

Da mesma forma, um evento pode ser constituído por subeventos que constituem etapas intermediárias entre o momento inicial e o momento final da progressão. Woisetschlaeger (1976) introduz a noção de evento, subevento e tipo de evento. Um evento poderia ser fracionado em subeventos e etapas intermediárias, e o subevento seria o acontecimento que se dá entre duas dessas etapas. O autor classifica as *Aktionsarten* segundo seis critérios: (a) quantificação existencial *versus* quantificação universal sobre eventos (distinguindo imperfectivo e perfectivo); (b) independência *versus* dependência de informação sequencial (distinguindo continuativo de imperfectivo); (c) referência *versus* não-referência a pausas (distinguindo interruptivo de imperfectivo); (d) primeiro *versus* último subevento (distinguindo inceptivo de completivo); (e) subevento antes *versus* subevento depois da pausa (distinguindo cessativo/continuativo de resumptivo); e (f) pausa afirmada *versus* pausa negada (distinguindo cessativo de continuativo). Observa-se, portanto, que está em jogo justamente a limitação do evento e do subevento, suas fronteiras.

Após analisar diferentes formulações teóricas que concebem o aspecto como um atributo que atua de maneira dinâmica na predicação, vale lembrar a lição de Castilho (2003), que preconiza que os estudos sobre o aspecto também se dão no âmbito do discurso. Não é de interesse aprofundar esses debates neste artigo. Entretanto, parece pertinente fazer uma breve referência ao trabalho de Flores *et al.* (2008), segundo o qual aliar o estudo das categorias aspectuais à perspectiva fornecida pela Teoria da Enunciação (BENVENISTE, 1995) permite vislumbrar o aspecto, muitas vezes, como uma categoria dêitica, contrariando o que a tradição nesses estudos vem afirmando. Nessa perspectiva, “o aspecto tem, em termos enunciativos, um componente dêítico porque marca uma continuidade que se realiza simultaneamente ao presente incessante da instância de discurso de *eu*, mas que o ultrapassa” (FLORES *et al.*, 2008, p. 166).

## Considerações finais

O presente artigo se propôs a realizar uma abordagem panorâmica sobre a evolução do conceito de aspecto da fase léxico-semântica à fase sintático-semântica. Foi possível observar que a noção de aspecto foi compreendida inicialmente como um atributo do verbo, via morfemas do tipo lexical e derivacional. Entretanto, características específicas a determinados predicados conduziram à percepção de que este é um fenômeno que se espalha pela predicação, utilizando-se de outros recursos linguísticos.

Diante das concepções expostas, acredita-se que foram retomados pontos importantes do desenvolvimento do conceito, contribuindo para a facilitação do acesso a um tema ainda pouco explorado fora do âmbito acadêmico.

## Referências

BACHE, C. *Aspect and Aktionsart: towards a semantic distinction*. *Journal of Linguistics*, v. 18, n. 1, p. 57-72, 1982.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral* I. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BERTINETTO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the ‘perfective-telic confusion. In: CECETTO, C.; CHERCHIA, G.; GIUSTI, M. T. (Ed.). *Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications, 2001.

BINNICK, R. I. *Time and verb: a guide to tense and aspect*. New York: Oxford University Press, 1991.

BYBEE, J. *Morphology: a study of relation between meaning and form*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

CASTILHO, A. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de São Paulo, Marília, 1968.

CASTILHO, A. T. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. (Ed.). *Gramática do português falado – novos rumos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. v. VIII. p. 83-121.

- COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CUNHA, L. F. A. S. *As construções com progressivo no português: uma abordagem semântica*. Dissertação de mestrado. Universidade do Porto, 1998.
- DOWTY, D. *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1979.
- FLORES, V. N.; SILVA, S.; LICHTENBERG, S.; WEIGERT, T. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.
- ILARI, R.; BASSO, R. O verbo. In: ILARI, R.; MOURA NEVES, M. H (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol II: Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, p. 163-365.
- LEECH, G. N. *Meaning and the English verb*. London: Longman, 1971.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, v. II.
- MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa/São Paulo: Livros Horizonte, 1952.
- MLINARCZYK, A. *Aspectual pairing in Polish*. Doctoral dissertation, UILOTS Utrecht University, 2004.
- MOURELATOS, A. Events, processes and states. In: TEDESCHI, P.; ZAENEN, A. (Ed). *Syntax and semantics*, v. 14: tense and aspect. New York, Academic Press, 1981.
- SMITH, C. *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1991.
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia, Gráfica da UFU, 1981.
- VENDLER, Z. Verbs and time. In: *Linguistics in philosophy*, 1967. p. 97-121.
- VERKUYL, H. *A theory of aspectuality: the interpretation between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- VERKUYL, Henry J. *Studies on time and quantity*. Chicago: The Chicago University Press, 1999.

WOISETSCHLAEGER, E. *A semantic theory of the English auxiliary system*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1976.

Recebido em 27 de maio de 2013  
e aceito em 21 de junho de 2013.

**Title:** *From lexicon to syntax: topics on the evolution of the aspect notion*

**Abstract:** *The aspect is a complex phenomenon manifested through different linguistic resources: lexical morpheme and verb inflections, verbal periphrases and some adverbs. All these elements can interact to the emergence of a specific aspectual configuration. Studies on this subject, however, have been evolving and showing that aspect is present both in the verb and the predication and even in the discourse. The objective of this paper is to present an overview of the concept evolution from different theoretical views, considering both the lexical-semantic phase and syntactic-semantic phase, which reveals the dynamics of the interaction among the linguistic elements mentioned.*

**Keywords:** *Aspect. Tense. Predication. Semantics.*